

INCLUSÃO X EXCLUSÃO

Luisa Bergmann¹

Já se falou muito sobre questões de poder, de submissão dos surdos aos ouvintes, da versão clínica da surdez como uma doença e não como diferença. Da minha parte, proporia repensarmos experiências e conseqüências emocionais comuns a participantes de projetos de **inclusão** na rede regular de ensino e de outros que freqüentam escolas especiais da área.

Vejam os. A palavra **inclusão** pressupõe pertencer à..., sentir-se compartilhando com..., ser identificado com... Então, quem sabe devemos parar para refletir sobre o que seja **incluir**. O que, ou quem, queremos incluir? A pessoa surda a algum lugar, ou queremos incluir “algo” nela?

Penso que o termo **inclusão** pode ser ambas as coisas se a pessoa surda se inserir num contexto e, realmente, se enriquecer dele, se se sentir pertencente à... se puder sentir-se natural e se tudo que lhe chega também for natural.

Faço-me a pergunta, sendo surda, como profissional e imaginando ter um filho surdo: qual o melhor lugar para ele? Escola especial, ou Escola Inclusiva? Mas, como responder a isso se as respostas se guiarão por desejos diferentes? Só imaginar não basta. Será preciso indagar à própria criança surda! Só ela poderá nos mostrar quais podem ser os melhores rumos. A nós cabe apresentar-lhe diferentes tipos de experiência em escolas regulares e nas inclusivas. Cabe-nos a sensibilidade de avaliar o que verdadeiramente a estará beneficiando em todos os sentidos. Não apenas naquilo que desejamos, ou gostaríamos que ela se beneficiasse.

Com efeito, a quem pertence o desejo que entrará em jogo? Dos pais e da sua criança.

Todos os pais querem o melhor para seus filhos. Todos querem ser bons pais e todas as crianças querem ser bem amadas, cuidadas e valorizadas.

Já se parou para pensar o que tudo isto significa? Será que diante do desejo dos pais a criança surda – como qualquer outra criança – não estará se portando como eles acreditam ser o melhor e, embora não o seja, o faz para não perder seu amor? Não será que isso poderia explicar experiências inclusivas que fracassaram?

Reconheço que muitas crianças surdas conseguiram se integrar a escolas regulares. Contudo, voltemos novamente para as escolhas que a própria criança faz e, nesta altura, me pergunto: será que crianças pequenas conseguem decidir sobre o que lhes vai ser melhor? Certamente que não. Todavia, elas podem nos revelar pistas.

¹ Psicóloga – PUC/RS. Psicoterapeuta deficiente auditiva. E-mail: luisabergmann@sinos.net
Realizando Especialização em Psicoterapia Psicanalítica no ESIPP/RS.

Não me sinto numa condição neutra e imparcial pois sou surda severa. Minha experiência pessoal foi de oralização e de integração em escolas regulares que considero boa. Porém, deixo claro que a pessoa surda por mais integrada que esteja sempre experimentará a necessidade de encontrar pessoas iguais a ela : na mesma condição, seja qual for o tipo de surdez.

Hoje, sei que a **inclusão** traz benefícios para aqueles que puderem se desenvolver e se sentir minimamente bem na comunidade ouvinte. No entanto, não acredito que exista uma verdade única sobre a melhor escolha e sim que essa verdade está sempre na criança. A verdade está onde ela for capaz de se sentir feliz e autêntica.

Ambas as experiências, tanto a de **inclusão** quanto a das escolas especiais, têm seus benefícios e falhas. Porém, ainda antes da escola : a criança estará emocionalmente incluída na própria família ? Ela tem seus espaços nessa família ? Como são esses espaços ? Que representação fazem dela seus pais e irmãos ? E ela, de si mesma, nesse contexto original ? Será que a **inclusão** de que se tem falado tanto não começa por aí ? Será que não começa no próprio impacto emocional que a surdez faz disparar dentro das famílias, onde afloram as primeiras relações de qualquer criança surda ? O que acontece com o desejo de seus pais, com os sonhos e as expectativas deles ? E mais : o que ocorre com o desejo delas mesmas ? O que pensar de uma família surda e que tem um filho surdo, mas que também é “surda” para tudo isto ?

Perguntas e mais perguntas...

Ir para uma escola regular pode significar muitas coisas : superproteção, aceitação, descrença, respeito pela diferença, proteção contra frustrações inerentes ao convívio com pessoas ouvintes, possibilidade de pertencer à.... São tantos os significados.

Ir para a escola regular, integrada, também pode querer dizer muitas coisas : desrespeito, crença no potencial da criança, “normalização”, negação da surdez, garantia de futuro, etc, etc, etc...

Não existe uma única escola certa. Existe a escola certa para cada criança, seja surda ou não e, com isso, volto àquela questão anterior : sentimentos sempre estarão por trás das escolhas que fizermos e creio que esses sentimentos são também registrados nas mentes das nossas crianças. Penso que é a isso que elas responderiam, se pudessem, independente de qualquer argumento racional que utilizarmos para justificar uma melhor escola.

Então, voltemos nosso olhar para nossos sentimentos mais íntimos e profundos em relação à criança surda. É isso que a incluirá no mundo e incluirá o mundo nela.